

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@DREDAOSOARES)



Reprodução TV

O velório de Arlindo Cruz, invariavelmente, acabou em samba

Rio: sol, mar, samba e... cemitério

VOU TE DIZER UMA COISA: o sujeito que acha que o Rio de Janeiro é só praia, pôr do sol e água de coco nunca foi a um cemitério na Zona Norte num dia movimentado. Porque ali, meu amigo, a vida - sim, a vida - insiste em dar expediente até quando o assunto é morte.

TEM UM JEITO CARIOCA DE SE DESPEDIR que não cabe muito bem no manual europeu de compostura. Aqui, dependendo de quem parte, o enterro vira roda. Não de desrespeito, não - de presença. De gente que chega pra dizer: "tô aqui ainda, e você continua aqui com a gente também". Aí aparece um pandeiro tímido, alguém puxa um refrão, e quando você vê já tem mais harmonia do que muito bar da Lapa.

QUANDO SE FOI ARLINDO CRUZ, por exemplo, aquilo ali foi quase uma aula pública de como o subúrbio elabora a saudade. Na quadra do Império Serrano, foram horas e horas de samba. Mas não era festa no sentido raso da palavra - era outra coisa. Era como se dissessem: "o corpo até vai, mas o enredo fica".

E, CLARO, O CEMITÉRIO TAMBÉM É esse território meio atravessado por histórias que ninguém sabe se aconteceram mesmo ou se foram sopradas por algum espírito brincalhão. Porque tem coisa que só faz sentido ali, entre um choro e outro, quando o mundo dá uma leve desalinhada.

OUTRO DIA ME CONTARAM UMA DESSAS. E eu já aviso: não sei se é verdade. Mas também não tenho o menor interesse em checar de tão boa que a história é.

DIZEM QUE FOI LÁ PELOS LADOS DE JACAREPAGUÁ, no Pechincha. Velório de um senhor muito querido, daqueles que juntam gente de tudo quanto é canto: família, vizinho, compadre, gente que nem lembrava direito de onde conhecia, mas foi assim mesmo.

CLIMA RESPEITOSO, ORAÇÃO, aquele silêncio cheio de significado. Até que alguém nota, na capela ao lado, um caixão pequeno. Pequeno mesmo. E vazio de gente. Nenhuma vela, nenhuma flor, nenhum olhar. Um abandono que incomoda até quem não tem nada com aquilo.

UMA SENHORA, DESSAS QUE AINDA ACREDITAM que rezar nunca é perda de tempo, resolve atravessar. Leva umas velas, ajeita umas flores, faz o sinal da cruz e começa ali sua conversa com o invisível. Baixinho, concentrada, como quem tenta corrigir uma injustiça.

E AÍ ENTRA O ELEMENTO QUE SÓ O RIO PRODUZ com essa naturalidade desconcertante: o funcionário do cemitério, chegando de lado, quase pedindo licença pra realidade.

— Dona, a senhora sabe o que tem aí dentro?

ELA, AINDA EM ORAÇÃO, responde que imagina ser uma criança, coitada, sozinha no mundo. O homem coça a cabeça, dá aquela pausa dramática involuntária e solta: — É uma perna. Uma perna!

A SENHORA PARA, RESPIRA, PROCESSA, e reage com a sinceridade que só os grandes momentos arrancam: — Mas eu tô gastando meus guias e minha reza com uma perna?!

E VEJA, NÃO ERA EXATAMENTE UM ENGAÑO. A perna era de alguém vivo, vítima de um acidente, mas que, por essas exigências que ninguém explica direito, precisava ser enterrada com toda a formalidade. Caixão, vela, silêncio. Só faltou a biografia.

E EU FICO PENSANDO QUE TALVEZ seja isso. No Rio de Janeiro, até a perna ganha despedida e o morto vira motivo de encontro. Não por leviandade, mas porque a gente aprendeu a lidar com a ausência do único jeito que dá: enchendo o momento de festa.

NO FIM DAS CONTAS, o cemitério carioca não é só lugar de fim. É também esse espaço meio torto, meio bonito, onde a vida insiste em fazer comentário — às vezes baixo, às vezes atravessado, às vezes gargalhado. Às vezes em ritmo de samba regado a muita cerveja.

E, SINCERAMENTE, AINDA BEM. Porque se nem ali a gente puder rir um pouco, aí sim fica difícil de levar o que ainda resta da vida.

Do anonimato à narrativa

Ana Alexandrino/Divulgação

'Quirinas', da pesquisadora Mariana Filgueiras, analisa como literatura brasileira ignorou trabalhadoras domésticas até recentemente



O levantamento de Mariana Filgueiras mapeou 37 personagens domésticas em contos e romances publicados entre 1859 e 2024

Quase sete milhões de brasileiros trabalham como domésticos — babás, faxineiras, cozinheiras, diaristas, cuidadores de idosos. A maioria é mulher, negra, pobre e chefe de família. É a maior categoria de trabalho do país, a mais precarizada, a que menos se aposenta. Ofício legado da escravidão, o trabalho doméstico foi decretado essencial durante a pandemia de Covid-19. Ainda assim, na história da literatura brasileira, essas mulheres praticamente não existem — ou existem de forma tão estereotipada que poderiam não existir.

Essa contradição moveu a pesquisa de doutorado de Mariana Filgueiras, jornalista e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF). O trabalho, contemplado no Prêmio Capes de Tese 2025, virou o livro "Quirinas: a trabalhadora doméstica como protagonista na literatura brasileira contemporânea", que lança nesta quinta-feira (16) com debate online entre a autora, sua orientadora Eurídice Figueiredo e Eliza Araújo. O evento acontece às 18h no canal Youtube "Estudos da Literatura" da UFF.

O levantamento de Filgueiras mapeou 37 personagens trabalhadoras domésticas em contos e romances publicados entre 1859 e 2024. O resultado é desolador: durante 156 anos, essas mulheres aparecem sempre de forma estereotipada, sem nome, frequentemente violentadas, associadas à ignorância, usadas como escada nas tramas ou alívio cômico. Falam pouco. Seus nomes, quando existem, são esquecidos. "A maioria dos nossos escritores não teve qualquer interesse na subjetividade dessas mulheres, em desenvolver alguma trama, dar a elas



Divulgação

um nome. Personagens com imenso potencial dramático, que testemunham as entranhas da elite, são desprezadas", observa Mariana.

O livro recebe o nome de "Quirinas" em homenagem à personagem Mãe Quirina, do conto "Babá" (1904), de Lima Barreto — uma das raras exceções na literatura brasileira. Lima Barreto se interessou pela personagem, contou sua história de vida. Isso praticamente não acontecia. Alguns críticos defendem que a estereotipia das empregadas domésticas seria um recurso estético de denúncia social. Filgueiras discorda. "Depois desse levantamento, não tem como concordar com isso. É uma prática muito recorrente, um padrão, um sintoma da neurose cultural brasileira", afirma.

A virada começa em 2015, quando surgem os primeiros romances com trabalhadoras domésticas como narradoras ou com par-

ticipação mais efetiva. As primeiras protagonistas de fato aparecem apenas em 2018, no romance "Perifobia", de Lília Guerra. Filgueiras credita essa mudança a um "efeito simbólico das políticas públicas" — Lei de Cotas, Lei das Domésticas — que resultaram em mobilidade social. "Seus filhos e netos entraram na universidade, começaram a escrever as histórias das mães e avós. Muitos romances são dedicados a elas. Desde 2018, já foram lançados mais de 10 romances com domésticas como protagonistas. Em 2024, 'Louças de Família', de Eliane Marques, ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura."

O livro analisa títulos como "Com Armas Sonolentas" (Carola Saavedra, 2019), "Suíte Tóquio" (Giovana Madalosso, 2020) e "Solitária" (Eliane Alves Cruz, 2022) — primeiros romances na história literária brasileira a colocar a trabalhadora doméstica no centro da narrativa. Neles, as personagens ganham subjetividade, seus familiares integram as tramas, o trabalho doméstico vira tema e ação do enredo, gerando cenas originais e conversas orgânicas.

Filgueiras alerta, porém, para o risco dos "estereótipos positivos". Ao reabilitar personagens esquecidas, é preciso evitar criar heroínas previsíveis, sem falhas de caráter, sem contradições. "Isso também as desumaniza", conclui. A socióloga Patricia Hill-Collins chama isso de "imagens de controle" — estereótipos que engessam personagens tanto negativamente quanto positivamente.